

RÚSSIA E ÍNDIA SE MOBILIZAM ENQUANTO PAX AMERICANA ESTÁ ACABANDO

Por M. K. Bhadrakumar*



Imagem gerada por inteligência artificial.

A parceria Índia-Rússia se consolida, com perspectivas que aproveitariam a boa vontade de Trump e sinais de um degelo no conturbado relacionamento sino-indiano.

A visita de trabalho do primeiro vice-primeiro-ministro da Rússia, Denis Manturov, a Mumbai e Délhi, nos dias 11 e 12 de novembro, está nos planos há algum tempo. Ela assume interesse adicional hoje, pois, em uma deliciosa coincidência, se sobrepõe ao início do fim da *Pax Americana* na política internacional.

Manturov, 55, é uma das estrelas mais brilhantes da nova geração de líderes no firmamento político russo, com um histórico brilhante como economista e tecnocrata no complexo energético e militar-industrial, dois setores-chave da economia russa.

O presidente Vladimir Putin confiou a ele responsabilidades que vão muito além do portfólio de ministro do Comércio e Indústria, cargo que ocupou por 12 anos até maio de 2024, quando foi promovido a primeiro vice-primeiro-ministro. Manturov agora é um rosto familiar nas altas esferas quando Putin participa de reuniões sobre a guerra na Ucrânia, o que mostra que ele desempenha muitas funções.

Manturov é o copresidente da comissão conjunta russo-indiana, ao lado do ministro das Relações Exteriores da Índia S. Jaishankar. Para ter certeza, Jaishankar terá discussões abrangentes com Manturov. Quem mais Manturov encontrará em Délhi será uma indicação das agitações no ar na cooperação russo-indiana.

O momento da visita é notável, já que os neoconservadores que dominaram o governo Biden – o secretário de Estado Antony Blinken, o diretor da CIA William Burns, *et al* – estão saindo e um admirável mundo novo está tomando forma em Washington, DC.

O influente CEO do Chicago Council on Global Affairs, Ivo Daalder, que foi embaixador dos EUA na OTAN, capturou sucintamente a iminente mudança de poder em Washington quando escreveu no *Politico* no fim de semana: *“Trump venceu de forma esmagadora. Ele ajudou os republicanos a assumirem o controle do Senado e pode muito bem ajudá-los a manter a Câmara (aliás, os republicanos também viraram a Câmara) – garantindo o controle de partido único em todos os três poderes do governo. Ele pode legitimamente reivindicar um mandato para implementar todas as políticas que ele apregoou... Enquanto isso, ele será protegido por uma Suprema Corte.”*

Claro, o embaixador Daalder é um acólito da “ordem baseada em regras” e um firme crente no destino manifesto da América de liderar o mundo. Ele escreveu em sua coluna intitulada *The end of Pax Americana*: *“Eu também me preocupo com o que isso significa para o resto do mundo. Em seu primeiro mandato, Trump deixou claro que não compra o papel de liderança global de Washington como seus antecessores fizeram. Ele não acredita em liderar – ele acredita em vencer...”*

“Moscou e Pequim há muito se irritam com a liderança de Washington e, na última década, tentaram combatê-la e miná-la. Agora podem ter seu desejo atendido. Trump não está interessado em sustentar a Pax Americana da mesma forma que seus 14 antecessores estavam... O fim da Pax Americana terá consequências profundas... A Pax Americana terminará oficialmente em 20 de janeiro de 2025, quando os EUA empossarem Donald J. Trump como seu 47º presidente. O país e o mundo serão muito diferentes por causa disso.”

Basta dizer que estamos tendo uma prévia dessa conjuntura histórica. Embora ocorra nas condições sob sanções, a agenda de discussões de Manturov em Délhi terá uma dimensão futurística. A questão é que, embora as sanções contra a Rússia possam levar algum tempo para serem descartadas, sua vanguarda – o fanatismo e a fúria com que Blinken e a secretária do Tesouro Janet Yellen aplicaram essa ferramenta diplomática intrusiva para ditar as relações econômicas e militares de outros países com a Rússia – pode agora se tornar contundente, com todos os sinais já apontando para um envolvimento russo-americano.

O lado indiano deve estar ciente dessa transição na dinâmica de poder para acelerar a cooperação econômica e técnico-militar com a Rússia com uma perspectiva de médio e longo prazo. Isso é uma coisa.

Segundo, estamos caminhando para uma conversa entre Trump e Putin. Não se surpreenda se eles decidirem se encontrar em uma data próxima. Historicamente falando, não há nada como uma cúpula para energizar sistemas políticos com cultura de cima para baixo, como os EUA e a Rússia têm.

Basta dizer que estamos nos aproximando de um ponto em que a Corte Penal Internacional, que tem um mandado de prisão contra Putin, não saberá onde se esconder. Da nossa perspectiva, isso abre a porta que leva ao jardim de rosas para uma visita de Estado de Putin à Índia – talvez, como o convidado principal nas comemorações que marcam o 75º aniversário da República Indiana em 26 de janeiro de 2025.

Putin é um grande amigo da Índia. Há apenas dois dias, ele descreveu a Índia como inigualável na arena global e continuou dizendo que a Rússia está fortalecendo seu relacionamento com a Índia em várias frentes, com um alto nível de confiança sustentando seus laços bilaterais. Putin fez muitos elogios à ascensão da Índia, dizendo: *“A Índia deve, sem dúvida, ser adicionada à lista de superpotências, com sua população de um bilhão e meio, o crescimento mais rápido entre todas as economias do mundo, cultura antiga e perspectivas muito boas para um crescimento futuro.”*

Com certeza, a Índia se encontra em uma posição verdadeiramente privilegiada na arena política internacional com a consolidação da parceria Índia-Rússia, com perspectivas se abrindo para um surto para levar os laços EUA-Índia a novos patamares, aproveitando a boa vontade de Trump e, de fato, com os sinais nascentes de um degelo aparecendo no conturbado relacionamento sino-indiano – e, claro, como a economia principal de crescimento mais rápido do mundo.

O objetivo ideal da Índia deve ser criar sinergia a partir de todos os três relacionamentos que correm em trilhas paralelas – com a Rússia, os EUA e a China, respectivamente. Não importa as complexidades de seus relacionamentos mútuos, a Índia deve aspirar a uma confluência dos três fluxos para avançar seu desenvolvimento nacional abrangente.

Há um sopro de esperança no ar para um aquecimento das relações bilaterais entre Moscou e Washington sob Trump, que estão em queda livre. Mas a russofobia está profundamente arraigada nas elites americanas e a Rússia continuará sendo uma questão tóxica. No entanto, Trump enfatizou repetidamente as boas relações com Putin, bem como o respeito mútuo. E Putin é um político muito talentoso que entende Trump.

Quanto ao relacionamento Rússia-China, Moscou e Pequim estão em um ponto alto de parceria sem paralelo em sua história. Esse relacionamento está ancorado na grande camaradagem entre Putin e o presidente chinês Xi Jinping, é sólido como rocha e permanecerá assim, apesar da fluidez no ambiente internacional.

Claro, há dúvidas sobre a trajetória do relacionamento EUA-China daqui para frente. Mas, aqui novamente, o ponto crucial da questão é a rivalidade econômica dos EUA com a China na mentalidade americana. Por si só, a China não representa nenhuma ameaça aos EUA. Nem é uma potência expansionista. Certamente, é uma

parte interessada em um ambiente global estável e previsível, onde a missão importantíssima de criar riqueza se torna sustentável ininterruptamente. E a China, diferentemente da Rússia, nem mesmo desafia o poder, a influência e os interesses americanos diretamente ou por projeto. Esta é a verdade nua e crua cortando os clichês das narrativas dos detratores da China.

A questão é que um confronto militar entre os EUA e a China não acontecerá sob a supervisão de Trump. Nenhum lado está interessado em travar guerras. Trump prometeu isso como uma promessa solene em seu discurso de vitória na quarta-feira. Além disso, a estratégia Indo-Pacífico em si está fracassando. O sinal mais recente disso é que a Indonésia, o maior país do Sudeste Asiático, está dando as costas aos sistemas de alianças liderados pelos EUA e buscando a adesão ao BRICS seguindo os passos da Malásia, outro país importante da ASEAN.

A presença do CEO da Tesla, Elon Musk, no círculo interno de Trump pode ser vista como um fator estabilizador para as relações EUA-China. Acima de tudo, somente a China pode ser um interlocutor significativo para ajudar Trump a concretizar o ambicioso projeto MAGA.

Publicado no [Indian Punchline](#).

**M. K. Bhadrakumar foi diplomata de carreira por 30 anos no Serviço de Relações Exteriores da Índia. Serviu na embaixada da Índia em Moscou em diversas funções e atuou na Divisão Irã-Paquistão-Afeganistão e na Unidade da Caxemira do Ministério das Relações Exteriores da Índia. Ocupou cargos nas missões indianas em Bonn, Colombo, Seul, Kuwait e Cabul; foi alto comissário interino adjunto em Islamabad e embaixador na Turquia e no Uzbequistão.*
